

REVOLUÇÃO DE TRINTA EM GOIÁS: Mudanças e Permanências

Marilena Julimar FERNANDES¹ (PQ); *Priscila Nascimento MARCELINO² Estudante (IC)

¹ UEG/Câmpus Pires do Rio/Curso de História

² UEG/Câmpus Pires do Rio/Curso de História – marcelinopriscila825@gmail.com

Resumo:

Este trabalho pretende dar continuidade à pesquisa desenvolvida entre os anos de 2016 e 2017 que teve como objetivo, discutir a partir da análise do *Jornal do Planalto* (1951 – 1959) e da revista *A Informação Goiana* (1917 a 1935), a construção de Brasília na região do Planalto Central Goiano, mesmo após 1930, por considerar que aquela era uma região, de certa forma, “esquecida” pelo interventor goiano Pedro Ludovico Teixeira. E que, mesmo após a construção e mudança da capital goiana, Goiás permaneceu um Estado atrasado, e a transferência da Capital Federal seria indispensável para a modernização do Estado. Para o momento, propõe-se a dar continuidade para discutir as permanências, transformações econômicas e políticas que ocorreram no Estado de Goiás após 1930, e para tal, utilizar-se-á como fontes os livros *Memórias*, de Pedro Ludovico Teixeira (1973) e *Por esse Goiás afora...* de Joaquim Rosa (1974).

Palavras-chave: Política. Pedro Ludovico Teixeira. Joaquim Rosa.

Introdução

A presente pesquisa propõe discutir e compreender as permanências e transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas em Goiás após 1930, a partir da chamada “Revolução de Trinta” em Goiás, e o que as mesmas representaram para Pedro Ludovico Teixeira (1973) e para a Historiografia Goiana. Para tal, utilizar-se-á como fonte os livros *Memórias*, de Pedro Ludovico Teixeira (1973) e *Por esse Goiás afora...* de Joaquim Rosa (1974).

A obra de Pedro Ludovico, tomada como fonte, é entendida como autobiografia e, para a abordagem da obra em questão, considera-se que as experiências narradas nos textos autobiográficos podem ser tratadas como documentos, dentro do campo de estudos históricos, “pois a escrita do eu é um produto histórico” (JOSEF, 1998, p. 297).

Pensa-se que as características do texto autobiográfico são indícios da relação entre o autobiógrafo e seu próprio passado, ao mesmo tempo em que ele revela o projeto orientado para o futuro, de um modo específico de revelar-se a outrem. O tema específico da autobiografia é o relato das realidades experimentadas, a partir do qual a realidade externa pode se modificar. A

autobiografia constitui-se de recortes selecionados pelo próprio sujeito, acerca de si mesmo e visa, também, à construção e ao registro de uma imagem de si, sobre si.

Entendendo a obra de Joaquim Rosa como um livro de crônicas, recorre-se à leitura de Santos (2005), que ressalta a importância de entender a crônica como um texto cultural ou político. De acordo com a autora, o conteúdo das crônicas deve ser analisado como “expressão de uma temática, mas também a própria forma, revelando as especificidades que dialogam com o espaço e com outras formas textuais” (SANTOS, 2005, p. 16).

As características ambíguas das crônicas de Joaquim Rosa expressam questões políticas relacionadas aos anos de 1930 e 1940 e nelas, estão presentes elementos diversos que expõem a capacidade de diálogo do autor com seu tempo e seu público.

Resultados e Discussão

Ao contrário da obra de Pedro Ludovico, que apresenta um homem “fora do comum”, íntegro, honesto, que se deixava levar pelas paixões políticas e pelo desejo de fazer o Estado de Goiás crescer e progredir, Rosa (1974) apresenta um homem esperto, incoerente. Este, que no final dos anos vinte, particularmente em 1930, tanto criticou as práticas políticas violentas dos Caiados, mas, que logo após assumir a Interventoria do Estado, repetia as mesmas atitudes. Segundo Rosa (1974), Ludovico soube utilizar-se dos meios “obscuros” empregados pelos seus antecessores como estratégia política, buscando manter seu poder por meio da violência, da censura, do silenciamento dos adversários, da perseguição administrativa. Essas afirmações de Rosa contrapõem-se ao que o próprio Ludovico afirma, pois ele dizia considerar o pós-trinta uma fase de ruptura, de tempos “novos”.

Na obra *Memória* (1973), Pedro Ludovico reafirma, em diversos momentos, a imagem da ruptura com o passado – antes de trinta – visto por ele como um tempo de todos os *agravos, dos conchavos políticos, do atraso*. O pós-trinta como um *tempo novo, o tempo de ordem, do progresso, da moralização política*. Contrapondo-se a essa ideia de ruptura, Rosa (1974, p. 63-150-158) apresenta uma continuidade nas práticas políticas ressaltando que:

A revolução de trinta arquivou o Caiado, mas o caiadismo, como fenômeno político, conjunto de práticas que o tempo havia amadurecido, esse

continuou. Com outro apelido. [...] O pronunciamento de trinta limitou-se em Goiás, a substituir um coronel de igual graduação, doutores os dois, com diploma e resto. Antônio Ramos Caiado, depois Pedro Ludovico Teixeira [...] Novos e velhos políticos se assemelhavam em tudo. [...] Farinha do mesmo saco. [...] Aliás, as farinhas políticas de Goiás davam a mesma quantidade de angu.

Ainda contrapondo à ideia de ruptura, Rosa (1974) afirma que a política de Pedro Ludovico foi uma continuidade aos “velhos” tempos violentos, agressivos, impertinentes. Ao contrário de seus tão decantados princípios, suas práticas demonstraram ser completamente contraditórias aos seus discursos. Nesse sentido, Rosa (1974, p. 62) enfatiza:

Expressões de curso forçado até outubro de 1930: “O Caiado já sabe? Já falou ao Totó? Espere até que o Senador volte do Rio. É capaz de ficar zangado...” Depois de 1930: O Doutor Pedro já sabe? Falou ao Doutor Pedro? Espere que o Doutor Pedro volte do Rio. É capaz de ficar zangado...”

Longe de ser um herói, Ludovico corporificou a imagem de um anti-herói, de alguém que soube arditamente abusar do poder e silenciar seus adversários. Quando Rosa (1974) narra o processo de disputa política entre Ludovico e Velasco, pelo governo do Estado de Goiás, em 1933, enfatiza que “o interventor fez funcionar a máquina administrativa, policial e judiciária, prodigiosamente bem, contra os adversários” (ROSA, 1974, p. 148-149).

É importante lembrar que o fragmento acima ressalta o posicionamento de um sujeito contrário a Ludovico, nesse sentido, pode-se constatar que Ludovico e Rosa são sujeitos que se encontram inseridos em diferentes formações discursivas, construindo e constituindo-se por discursos contraditórios acerca do mesmo tema.

Rosa, por ser um contemporâneo de Ludovico, utilizou-se, além de suas próprias memórias, de artigos de jornais como *O Ypameri*, *O Popular*, e de discursos feitos pelo próprio Pedro Ludovico para contestá-lo e mostrar suas contradições em vários momentos. Para demonstrar as incoerências entre os discursos e as práticas de Ludovico, Rosa (1974) resgata um discurso feito pelo próprio Interventor, criticando a “politicagem” goiana antes de 1930:

Sempre surgem os personalismos neste ambiente de lutas pela posse do poder, desencadeando paixões que, em vez de construir, não raro provocam desequilíbrios. Sem se perceber, volta-se aos erros do passado, cujos arranhões ainda não se cicatrizaram na mentalidade das nossas massas, influenciadas por várias décadas de política rateira e de costumes rebarbativos. No subconsciente da maioria dos nossos próceres subsiste a inclinação retrógrada e involuída dos nossos antepassados e dos que

recentemente afastamos como imprestáveis como caciques, como “profiteur” dos postos que degradaram. (ROSA, 1974, p. 148).

No livro *Memórias*, Pedro Ludovico Teixeira narra sua vida política ressaltando seu papel de um político influente e respeitado no Estado de Goiás e até mesmo no país. No sentido de reafirmar sua influência política, reconstruiu a imagem do médico como “salvador” ou como aquele capaz de curar as doenças do povo. Joaquim Rosa, ao narrar o processo de disputa política entre Velasco e Ludovico, pelo Governo do Estado de Goiás, em 1933, faz uma leitura contrária, em relação à imagem que Ludovico constrói de “si”, tanto no que se refere à sua prática como médico, como acerca de sua influência política. Segundo esse autor,

Ele, Ludovico, aboletado no cargo de Interventor não passava, de resto, de um paisano vindo do Sudoeste onde andou receitando purgante de “lá-roi”, aguardente alemão, formulando xaropes de benzoato de sódio para as encrências dos pulmões, ou lancetando perebas zangadas nos cangotes dos capiaus do Rio Verde e dos capangas do sogro. Ludovico manobrou. Soprou aos cupinchas a própria candidatura, ou antes, e mais precisamente, a confirmou, que os cupinchas já cuidava dela. A continuidade revolucionária, com Ludovico no palanque, bom pretexto. O negócio era rendoso. (ROSA, 1974, p. 140).

Enquanto, em suas *Memórias*, Ludovico destaca uma carreira política voltada para o progresso, Rosa (1974) enfatiza que, se para os Caiados a garantia de “posse da política goiana estava ligada ao atraso do Estado, Ludovico enxergava dois dedos a mais do que o mestre Totó Caiado. Sua garantia de posse estava condicionada ao que se chamaria mais tarde de subdesenvolvimento, com todas as causas e consequências” (ROSA, 1974, p. 65). Concorde-se, então, com o pensamento de Rosa (1974), quando este afirma que:

Se colocar Caiado e Ludovico frente a frente, diante da história e medir, se possível, as dimensões de cada uma, como líderes goiano, percebe-se que o primeiro contato entre eles: a luta de um e do outro, de armas nas mãos, para a conquista das posições. No extremo oposto ambos foram desalojados por atos de força. A trajetória de cada no comando da política se confunde de tal maneira que a conclusão será, obrigatoriamente e, esta: não há diferença sensível entre eles. [...] Goiânia foi o que os separou (ROSA, 1974, p. 84).

Conforme ficou evidenciado, valendo-se de vários silêncios, Ludovico pode, em suas *Memórias*, construir uma trajetória política aparentemente voltada para princípios de integridade e honestidade, visando a reafirmar para a sociedade seu comprometimento com o desenvolvimento do Estado de Goiás, em nenhuma circunstância esquecido. Entretanto, evidenciou-se que, além das mudanças nas

práticas políticas, as permanências também fizeram parte de sua história política. Foi possível perceber que as permanências foram, quase sempre, transformadas em silêncios, que produziram a ilusão da mudança.

Pode-se afirmar que a narrativa de Joaquim Rosa percorreu um caminho inverso ao da autobiografia apresentada por Pedro Ludovico em sua obra *Memórias*, e que foi apropriada por parte da historiografia goiana. Enquanto essa historiografia utilizou a obra de Pedro Ludovico como fonte reafirmando-a, Rosa (1974) faz suas análises a partir de sua própria vivência durante a “Revolução de Trinta”, em Goiás.

Considerações Finais

A pesquisa encontra-se em fase inicial, no entanto, após a leitura dos livros *Memórias*, de Pedro Ludovico Teixeira (1973) e *Por esse Goiás afora...* de Joaquim Rosa (1974), foi possível perceber uma discordância entre os dois autores em relação às possíveis mudanças e permanências ocorridas no Estado de Goiás após 1930. Pois, Teixeira (1973) defende a ideia de uma ruptura total em relação às práticas política de antes e depois de 1930, e Rosa (1974) deixa claro que as ações violentas, autoritárias permaneceram após 1930.

Agradecimentos

À Professora Doutora Marilena Julimar Fernandes, coordenadora do projeto. Ao PIVIC e ao PIBIC/UEG.

Referências

JOZEF, Bella. “(Auto) biografia: Os territórios da memória e da História.” In: LEENHARDT, Jacques & PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Discurso Histórico: Narrativa Literária**. Campinas/São Paulo: UNICAMP, 1998.

ROSA, Joaquim. **Por esse Goiás afora...** Goiânia: Cultura Goiana, 1974.

SANTOS, Regma Maria dos. **Memórias de um plumitivo**: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycido Paes. Uberlândia: Aspectus, 2005.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. **Memórias**. Goiânia: Cultura Goiana, 1973.